

O CINISMO E OS DESMANDOS DA RAZÃO: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A RACIONALIDADE FORMAL

THE CYNISM AND THE EXCESSES OF REASON: SOME QUESTIONS ON FORMAL RATIONALITY

Alex de Campos Moura*

Resumo: Este texto procura circunscrever alguns traços de um tipo de racionalidade formal, que encontra no cinismo uma de suas expressões privilegiadas. Buscamos delimitar algumas características do modo de operação dessa razão, sobretudo enquanto negatividade ou recusa da significação própria ao seu objeto e, no limite, ao mundo. Nessa direção, tentamos, ainda, apontar alguns limites para esse projeto de formalização total e de negação completa do mundo enquanto tal.

Palavras-chave: Cinismo. Razão abstrata. Ideologias

Abstract: This text tries to show some traces from a kind of formal rationality, that has in the cynicism one of its best expressions. We try to recognise some characteristics of this reason's operation, specially as negativity or refuse of the internal meaning of the object, and in the limit, of the world. In this direction, we intend, also, to point some limits to this project of a complete formalisation and a total refuse of the world by itself.

Key-words: Cynicism. Abstract reason. Ideology

De fato, o cínico adere a seu discurso a tal ponto que não mente; não fala contra a verdade, pois não fala em nome dela; não é moral nem imoral, pois não opera sobre o pressuposto dessa distinção; não é hipócrita: não esconde seu ser verdadeiro, pois não é nada “no fundo”, não tem essência.

Rubens Torres Filho

Neste texto¹, procuraremos trabalhar algumas características de uma figura particular da racionalidade, que encontra no cinismo uma de suas expressões

*Doutorando do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. E-mail: alexdcmoura@yahoo.com.br.

privilegiadas. Na citação acima, evidencia-se um dos pontos mais relevantes dessa espécie de razão cínica sobre a qual nos deteremos: seu caráter fundamentalmente negativo, tal como a descrição, toda feita de recusas, explícita. O cínico não é nada no fundo e não opera em nome de nada, apresentando-se sem essencialidade e sem vínculos, figuração da negatividade. Será justamente esse aspecto que procuraremos circunscrever, especialmente em um ponto, relativo à negação ou à supressão do mundo que o discurso cínico implica e realiza. Como pretendemos mostrar, não se trata de um simples afastamento diante do mundo, mas sim de um movimento que pretende realmente negá-lo enquanto tal, absorvendo-o em seu turbilhão e apropriando-o à sua lógica.

A questão me chama a atenção pelo fato de eu estudar um filósofo cujo projeto é frontalmente oposto à “nadificação” do mundo que a razão cínica subentende e diante da qual pode realizar-se. O filósofo Merleau-Ponty, ao longo de toda sua obra e com especial ênfase em seus últimos textos, busca a “reabilitação ontológica do sensível”, recuperação da dignidade do mundo e de seu sentido próprio. Trata-se de mostrar que há uma geratividade e uma consistência próprias ao mundo, que lhe configuram um estilo, e que encontramos antes de qualquer decisão pessoal. O mundo expõe assim uma significação imanente, que se não determina nossa liberdade, ao menos a impede de ser absoluta ou imotivada, sempre aberta a um apelo latente que a sustenta.

Essa perspectiva de Merleau-Ponty aparece como recusa do que ele chama de “pensamento de sobrevôo”, atividade absoluta de um sujeito que se coloca fora do mundo e dele se apossa pelo olhar soberano que tudo detém, que nada deve a esse mundo, transformando-o em simples materialidade amorfa sobre a qual sua liberdade ilimitada realiza-se, atribuindo sentidos e relevos. O mundo é um *constructo*, objeto de um sujeito constituinte e soberano. É contra esse pensamento desencarnado, ilimitado e sem perspectiva que Merleau-Ponty busca fazer ressurgir o mundo em sua efetividade própria, em seu caráter constituinte e original, formador inelutável do homem e de sua mundaneidade.

Mas de que maneira essa temática reencontraria a problemática do cinismo aqui em questão? É que a nosso ver, o cinismo pode ser percebido como uma das figuras dessa racionalidade “de sobrevôo” sobre a qual a crítica merleau-pontyana se dirige. O

¹Este texto surgiu a partir da problemática e das questões levantadas ao longo do curso 'Cinismo e falência da crítica', ministrado pelo professor Doutor Vladimir Safatle, no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

cinismo, como procuraremos mostrar, é sobretudo uma razão formalizada levada ao extremo, separada do mundo e de qualquer ancoradouro exterior; como veremos, ele opera sobre o pressuposto tácito de que não há nenhuma resistência do objeto ou do mundo. Problema de indexação, ele atua evidenciando o descompasso entre a regra e o caso, e a decorrente ambiguidade e reversibilidade da regra, transformando-a em mera ocasião de inversões sem fim, isto é, ele atua justamente com a compreensão de que o caso não lhe oferece mais nenhum conteúdo próprio, nenhuma relação interna com uma lei determinada que teria privilégio em detrimento das demais, possibilitando ao contrário a afirmação de princípios contraditórios sobre si. Se houvesse um *algo* no caso (e não *nada*), um sentido próprio ou mesmo uma certa consistência, eles colocariam limites ao livre vaguear da razão, tornando impossível o jogo de inversões característico do cinismo, pois a relação orgânica com uma regra impediria a afirmação das demais.

O que tentaremos circunscrever é esse fato de a razão cínica vaguear livremente entre os opostos justamente por operar com a suposição de que aquilo de que fala não significa nada por si, não exigindo para si nenhum conteúdo ou sentido determinados. O caso, o objeto, tornam-se massa informe, e o pensamento, livre dos conteúdos e entregue a si mesmo, torna-se puramente formal; é como essa negação do conteúdo e da determinidade que a razão cínica atua.

Tal formalismo da razão cínica é apontado nas leituras que Paulo Arantes e Rubens Torres fazem, na esteira de Hegel, do texto de Diderot *O sobrinho de Rameau* – obra e personagens centrais do cinismo. Seja para descrever o sobrinho como a figuração do intelectual (Paulo Arantes), seja para apontá-lo como seu outro, negação dialética (Rubens Torres), as duas interpretações convergem no reconhecimento de que se trata da expressão de uma certa figura da racionalidade: em linguagem hegeliana, a razão “dilacerada”. Consoante a leitura de Bento Prado Junior², as duas personagens formam na verdade uma única estrutura dentro do texto de Diderot, simbolizando a estrutura da racionalidade cínica, o movimento pelo qual a razão cindi-se colocando-se como seu outro, negação interna, dialética e determinada por meio da qual esse Si ganha efetividade: “o ser-para-si tem seu ser-para-si por objeto como algo simplesmente

²JÚNIOR, Bento Prado. Prefácio, In: ARANTES, Paulo Eduardo. *Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996

Outro; e ao mesmo tempo, de modo igualmente imediato, como si mesmo (...) o conteúdo é o mesmo Si na forma de absoluta oposição”³, e ainda:

Assim, o que a pura inteligência enuncia como o seu Outro – como erro ou mentira – não pode ser outra coisa que ela mesma: só pode condenar o que ela é. O que não é racional não tem verdade; ou seja o que não é conhecido, não é. Portanto, quando a razão fala de um outro que ela, de fato só fala de si mesma; assim não sai de si⁴.

A razão cindida efetiva-se como inversão e dualidade, tendo de se haver com “seu reverso talvez, sua imagem invertida, talvez seu pesadelo”⁵. Negação interna do Si, a “consciência dilacerada” é aquela que perde sua identidade, faz-se outra, inverte-se, e depara-se consigo nessa negatividade tornada alteridade, distância e diferença; sua efetividade não poderá portanto ser outra coisa que esse próprio movimento de inversão:

Esse espírito é esta absoluta e universal inversão e alienação da efetividade e do pensamento: a pura cultura. O que no mundo da cultura se experimenta é que não têm verdade nem as essências efetivas do poder e da riqueza, nem seus conceitos determinados, bem e mal, ou a consciência do bem e do mal (...) senão que todos esses momentos se invertem, antes, um no outro, e cada um é o contrário de si mesmo⁶.

Razão em diferenciação de si mesma, confrontada com sua própria negatividade, a disseminar seu caráter corrosivo para um si que não é senão diferença e alteridade, fazendo do movimento negativo dissolução não apenas da identidade dessa consciência, mas de tudo aquilo que lhe é outro, que lhe resiste e nega, de tudo que é identidade e repouso. Constitutivamente ambíguo e contraditório, esse discurso (cínico) realiza-se como dissolução de toda determinidade que se apresenta, fazendo da perda de si mesmo que lhe é característica a perda também de toda solidez, de toda determinação, generalizando a dissolução – discurso operando como negação e dessubstancialização constante:

Seu ser-aí é o falar universal e o julgar dilacerante, em que dissolvem todos aqueles momentos que devem vigorar como essências e membros efetivos do todo; e é também esse jogo consigo mesmo, de dissolver-se. Esse julgar e falar é pois o

³HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*, RJ: Vozes, 2002, # 520, p. 359

⁴Idem, # 548, p. 377

⁵TORRES FILHO, Rubens. *Ensaio de Filosofia ilustrada*, São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 59

⁶HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*, RJ: Vozes, 2002, # 521, p. 359

verdadeiro e incoercível, enquanto tudo subjuga; é aquilo que só verdadeiramente conta nesse mundo real⁷.

Negação de si e do exterior, esse espírito é sobretudo a experiência da ausência e do negativo. Ausência da verdade ou experiência da não-verdade que ele próprio reconhece e encarna graças à reversibilidade de si e do todo, inversão que tudo submete e tudo dessubstancializa. É justamente essa inversão de toda essencialidade (interna e externa) que efetiva a operação cínica de dissolução e negação do mundo enquanto tal, pois é a afirmação de um caráter gratuito, relativo, oscilante e informe do todo que permite à razão toma-lo como uma espécie de “vazio”, um oco ou mesmo, em certo sentido, como um nada à espera de seus livres jogos e inversões, “jogo infinitamente leve com o nada” como dirá Kierkegaard sobre a ironia.

Jogo de dissolução de si que se transpõe para o mundo, a consciência dilacerada torna-se a verdade de uma realidade ela própria dilacerada. A verdade do mundo e de seu tempo é o engano universal de si mesmo e dos outros, dirá Hegel, e o despudor de enunciar uma tal situação; a verdade é a manifestação e efetivação da ausência de essencialidade e profundidade. O sobrinho, como figura cínica por excelência, é ele própria essa expressão, discurso da aparência, formal e ilimitado, a dissolver tudo que lhe aparece. O cínico, assim, não fala em nome de essências porque o seu falar é justamente o dissolver do essencial, expressão de um tempo que nada tem à desvelar, marcado pelo domínio da aparência ao qual a ausência de fundo nos devolve. O reino do cinismo é aquele em que sucedem-se ininterruptamente aparências sem essências, vagas e cambíaveis, graças a sua falta de densidade própria; fluxo e forma, portanto, afirmando-se em detrimento do conteúdo e da solidez, como atesta a verborragia antropofágica do sobrinho, (no dizer de Rubens Torres) que tudo consome em seu movimento ininterrupto e fascinante (literalmente chamando e capturando olhar e atenção para si).

A marca dessa razão dilacerada, desse discurso sem essência, será a “raciocinação”, isto é, a pura formalidade de um pensamento que é o constante negar de qualquer conteúdo: “O pensamento raciocinante consiste na liberdade com respeito ao conteúdo e na vaidade que paira sobre ele”⁸. Liberdade negativa, a dissolver qualquer determinidade, operando como uma “dialética negativa” (no sentido em que Paulo

⁷Idem, # 521, p. 359

⁸ARANTES, Paulo Eduardo. *Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 35

Arantes emprego o termo) ou uma “negação indeterminada”, que por sua própria configuração não põe o determinado e desemboca na abstração. Essa razão cínica, raciocinante e negativa, está pois originariamente separada do terreno da determinidade e da concretude; “dialética da aparência”⁹, portanto, a apoiar-se sobre a vacuidade das coisas, formalismo sustentado pela ausência de conteúdos:

O vazio, a vaidade tantas vezes salientada por Hegel, da consciência dilacerada do Sobrinho, que carece da experiência perversa (...) da vacuidade de todas as coisas para forrar sua própria consciência, espelha-se no formalismo discursivo, bem falante da raciocinação: mais ou menos a maneira hegeliana de visar o narcisismo do intelectual absorto na contemplação das façanhas do próprio espírito¹⁰

O vazio da consciência dilacerada, manifesto em seu formalismo, carece, enfim, como vínhamos procurando indicar, da vacuidade de todas as coisas (do mundo, pois) como sua experiência constitutiva. Relação intrínseca que a interpretação de Paulo Arantes tornará ainda mais palpável ao determiná-la histórica e socialmente. Como o trecho citado afirma, a experiência perversa do negativo que a figura do sobrinho expõe não é uma simples suposição, mas segundo Paulo Arantes, é a descrição de uma condição social precisa, historicamente determinada: o *déclassement* do intelectual diante de uma estrutura social que não o comporta; posição marginal ou ausência de lugar tão claramente presentes na figura do sobrinho, especialmente em sua “ausência de vínculos orgânicos”¹¹. Decorre desse “não-lugar” (que como o trecho inicial de Rubens Torres Filho já indicava é distintivo do cínico) uma certa gratuidade, uma oscilação inerente, configurando como que um pendor para a dialética¹², mas uma dialética, consoante sua própria situação de origem, sobretudo “negativa”¹³, afirmadora da indeterminação, da volubilidade e da inefetividade, repondo implicitamente a situação que lhe dá origem:

Solicitado por exigências contraditórias, dividido como seu público, quase sempre relegado à condição de agregado, o segredo de polichinelo do intelectual, cuja

⁹ Idem, p. 39

¹⁰ Idem, p. 35

¹¹ Conforme discussão em aula.

¹² ARANTES, Paulo Eduardo. *Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996

¹³ No sentido em que o termo é usado por Paulo Arantes em seu livro *Ressentimento da dialética*, ao qual estamos nos referindo ao longo do texto.

carreira é uma sequência de triunfos e humilhações, só pode ser a consciência dilacerada¹⁴.

É ainda pois uma certa experiência do mundo (precisamente determinável) que configura o campo de aparecimento da razão cínica – o que talvez possa ser visto, e retomaremos esse ponto mais adianta, um certo limite à nadificação do mundo imposta pela razão cínica.

Em todo caso, o importante é notar que essa experiência é fundamentalmente negativa, manifestação de uma distância e de um não-pertencimento ao mundo, ausência de lugar a marcar a experiência (intelectual) tão propícia ao aparecimento de uma razão cínica, cindida e negativa. Tal separação entre o intelectual (pensamento formal) e o mundo (que parece não abarcá-lo) traz implícita uma ruptura ainda mais profunda e central, tese latente de toda razão cínica: a cisão entre o discurso e a prática, palavra e realidade: “O cínico vive da discordância entre os princípios proclamados e a prática – toda a sua sabedoria consiste em legitimar a distância entre eles”¹⁵.

A razão cínica, ao afirmar-se, recusa o mundo, pois trata-se agora precisamente de uma alternativa. Razão e prática, como a própria noção do cinismo enquanto problema de indexação pressupõe, não mantêm mais um vínculo orgânico, cindidas graças ao formalismo que se volta contra os conteúdos. A razão, retornando sobre si em sua negatividade e dualidade, afasta-se, como vimos, de qualquer conteúdo que a retiraria de sua circularidade, torna-se discurso formal, e em linguagem hegeliana, vaidade. Forma posta em primeiro plano, em detrimento dos conteúdos, aquilo de que se fala perde relevo diante do próprio falar, julgar vociferante. É essa cisão fundamental, como já dissemos acima, que sustenta o discurso cínico, pois é ela que permite à razão oscilar livremente, invertendo e subvertendo tudo em seu processo de corrosão; é o “esvaziamento” do mundo, a perda de sua resistência, que assegura esse poder extremo da razão cínica que vagueia e opera sobre os conteúdos como se eles não fossem “nada”. Dissolvida sua consistência, o mundo se torna matéria inteiramente modelável; recusada sua essencialidade, ele se torna mera aparência condenada à fluidez e à transitoriedade. É por isso que o discurso cínico, “discurso da aparência sem essência”¹⁶ não tem limites, como afirma Rubens Torres Filho; afinal, a razão não

¹⁴ARANTES, Paulo Eduardo. *Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 28

¹⁵ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*, Jorge Zahar Editor, p. 60

¹⁶TORRES FILHO, Rubens. *Ensaio de Filosofia ilustrada*, São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 61

encontra mais nenhum obstáculo, a linguagem nenhum ancoradouro, revelando a dimensão transgressora da aparência que se afirma como tal¹⁷.

Isso posto, julgamos não cometer uma aproximação de todo descabida ao ver nessas interpretações de matriz hegeliana sobre a racionalidade cínica, uma certa antecipação do parentesco que mais tarde será explicitado entre cinismo e ideologia, compreendida esta como discurso da aparência, mas de uma aparência que não máscara uma essência ou oculta uma realidade, e sim que se afirma e se põe como tal.

A novidade que a chamada “ideologia cínica”¹⁸ instaura é justamente o fato de que nela a aparência se afirma; ela não é mais uma máscara que dissimularia uma essência ou uma verdade mais profundas, justamente porque o discurso da aparência – discurso cínico –, como vimos, é a própria nadificação de qualquer profundidade e essencialidade; estas não precisam ser mascaradas porque já não existem como tais, não possuem mais nada de próprio, tornando-se na verdade elas mesmas aparências – como vimos, o discurso cínico negador realiza-se transformando o essencial em aparência.

Esse discurso “de superfície” assume-se como tal, e nesse sentido, a ideologia se afirma. Não se trata mais de consciências “ingênuas” que agiriam a despeito de seu próprio saber, mas, de consciências, permitido o anacronismo, “dilaceradas”, que sabem o que fazem e ainda assim o fazem¹⁹: consciências tipicamente cínicas, cindidas entre a prática e o princípio, o real e o formal. Elas sabem do engano, sabem que são movidas por uma aparência que não traz qualquer verdade, mas ainda assim agem como se tal aparência fosse verdadeira – e talvez, em certo sentido, elas o sejam, como sugere Hegel, na medida em que se tornam expressivas e mesmo, como veremos, constitutivas de seu tempo. O erro e a ilusão, portanto, não são mais do campo do saber, e sim do campo da própria prática e das ações (e por meio delas, da realidade), o que evidencia um traço importante, já implícito anteriormente: a aparência levada ao extremo não se satisfaz com o campo do pensamento e da linguagem, ela pretende abarcar também o domínio do real e da prática. A ideologia cínica opera não apenas reafirmando o corte entre discurso e prática, mas instaurando-se no domínio do prático, ou seja, como afirma Slavoj Žižek, ela é estruturante da própria realidade. Não se trata assim de simplesmente abandonar o mundo e negá-lo enquanto tal, mas de retornar a ele como a

¹⁷Idem, p.61

¹⁸ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*, Jorge Zahar Editor

¹⁹Seguimos aqui os argumentos apontador por Slavoj Žižek em seu texto *Eles não sabem o que fazem*.

algo também submetido à lógica da aparência e do cinismo. A destruição do conteúdo e da essencialidade, a formalização extrema da razão, e o “vazio” do mundo que deles decorrem, permitem que a razão cínica “reconfigure” o mundo dentro de sua estrutura própria, transformando-o em aparência e inversão. A “morte do objeto”²⁰ promovida pela racionalidade formal abre caminho para que este seja inteiramente dominado e manipulado; a realidade passa a ser constituída segundo princípios cínicos de uma razão formal e volúvel, tonando-se submissa aos desmandos de uma operação que assume então seus contornos autoritários; a liberdade ilimitada da razão às voltas consigo mesma revela seus traços de exercício de poder e dominação.

Se a ideologia tradicional opera como um discurso separado da realidade, e que retorna a esta a fim de ocultá-la e tomar-lhe o lugar, “fingindo-se” de real, a ideologia em sua vertente cínica não mais realiza esse mascaramento da realidade, e sim a sua afirmação, justamente porque este real tomado em si não é para ela mais que aparência e reversibilidade, fluidez caprichosa a espelhar o livre jogo negativo da razão. Não se trata, portanto, de um simples abandono da realidade, mas de um movimento que pretende absorvê-la, submetê-la e integrá-la à sua lógica, à força da aparência e da ideologia. É nessa direção que aponta a “fantasia ideológica” considerada por Slavoj Žižek como constituinte do real, orientadora das práticas dos sujeitos. Não se busca mais, enfim, mascarar a realidade, mas constituí-la.

Reafirmando seu caráter cínico, essa falsidade estruturante do “mundo” não deixa de se apresentar como tal, explicitando às consciências sua não verdade. Só que aqui o corte entre discurso e prática parece ser tão extremo que adquire pouca influência sobre as ações o fato dos agentes saberem que agem movidos por ilusões. Essa parece ser uma das razões da impotência da crítica diante da ideologia cínica, pois esta não pode ser “desmascarada”, não há uma verdade oculta ou transcendente em nome do qual o discurso cínico seria desmentido. Ao contrário, assim como o sobrinho, a ideologia cínica não mente, e é verdadeira na medida em que se afirma como tal. Como já apontava Hegel a respeito do sobrinho, a verdade de um tempo dessubstancializado, sem essencialidade, é justamente a aparência, o “engano universal” e o descaramento de apresentá-lo como tal. O cinismo (formal e ideológico, no caso) constitui a “verdade” e a realidade de seu tempo.

²⁰O termo é empregado por Marilena Chauí em seu livro *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*, São Paulo: Ed. Moderna, 1981.

Esse caráter estruturante da ideologia cínica – forma extrema da negação do mundo que estamos procurando circunscrever, pois trata-se da tentativa de recriá-lo à imagem de uma razão negativa e formal – se tornará mais claro se fizermos um pequeno deslocamento, preservando contudo o eixo e o foco, e nos reportarmos ao famoso ensaio de Roberto Schwarz *As idéias fora do lugar*. Ali, o autor trabalha a curiosa constelação que se forma no Brasil graças à junção (de todo descabida e a princípio impossível) das novas idéias liberais vindas da Europa com a estrutura da sociedade brasileira, apoiada no escravismo e na “lógica do favor”.

As idéias européias, retiradas de seu campo original, sem qualquer relação interna com a realidade em torno da qual agora gravitam, perdem seu eixo, seu sentido próprio; sem sustentação orgânica no mundo, tornam-se formalismos desprovidos de significação imanente, abertos à invasão de conteúdos e sentidos estranhos e até mesmo contrários àqueles que lhes seriam próprios; dessubstancializadas, essas idéias podem ser livremente invertidas e distorcidas. Reversibilidade da razão com decorrências sobre a própria realidade, que encontra, também aqui, como correlato um fundo oco sobre o qual pode agir livremente. Afinal, é o caráter “estrangeiro” das idéias liberais, ou mais precisamente a “impropriedade de nosso pensamento” que o separa do mundo e permite seu livre oscilar: “Nesse contexto, portanto, as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade, e não gravitam segundo uma lei que lhes seja própria”²¹. Sem ancoradouro no real, laço orgânica a manter-lhes o eixo, as idéias “vagueiam”, meras aparências submetidas a uma lógica que lhes seria antes totalmente estranha. Operação cínica por excelência, destituindo sua essencialidade, instaurando a inversão e o negativo

Eis o que possibilita a reunião de prática e discurso tão dissonantes como ocorre no Brasil tratado por Schwarz: as idéias “fora de lugar” tornam-se incapazes de resistir à influência da “constelação prática” em que são postas; num processo em que tudo nos lembra o cinismo, as idéias esvaziadas são invertidas em seu outro:

Sem prejuízo de existir, o antagonismo se desfaz em fumaça e os incompatíveis saem de mãos dadas (...) Nesse sentido, dizíamos que o teste da realidade e da coerência não parecia aqui decisivo (...) Combinando-se à prática de que, em princípio, seria a crítica, o Liberalismo fazia com que o pensamento perdesse o pé.²²

²¹Idem, p. 18.

²²SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, São Paulo: Duas Cidades/Editora 2004, 2002, p. 18.

Tal como faz o sobrinho com o filósofo, essa razão invertida, crítica tornada ideologia, coloca o próprio pensamento em aporia. Pois não se trata, uma vez mais, de uma mera justaposição entre prática e discurso dissonantes, o que preservaria a diferença e a distancia entre eles; e sim da fusão (aparentemente impossível) de ambos. A disparidade entre caso e regra, marca do cinismo, não só é mantida e preservada, como “forma sistema” um certo “estado de equilíbrio” ou uma “constelação prática” que configuram a realidade de seu tempo; realidade portanto estruturada no território da inversão e da aparência.

Invertidas, as idéias burguesas passam de crítica à justificativa e realização efetiva de práticas com as quais originariamente nada tinham a ver (o favor e os particularismos, por exemplo). Desprovidas de essencialidade, essas idéias emergem para o campo das aparências, próprio exatamente à ideologia, e mais especificamente a uma certa ideologia, aproximando-se uma vez mais do cinismo, pois tratam-se aqui de aparências que se afirmam como tais, que não mascaram uma realidade, mas que precisamente a constituem sob o signo do aparente e da ilusão: “Retenha-se no entanto (...) a complexidade desse passo: ao tornarem-se despropósito, estas idéias deixam também de enganar”²³. Ou seja, a negatividade dessas idéias tornadas aparências, seu caráter gratuito e inconstante, não só é afirmado, como torna-se constitutivo da realidade em questão (no caso, sobretudo a realidade social), orientando e determinando as práticas e as ações dos sujeitos sociais. Assim como ocorre com o cinismo do sobrinho, a aparência e a inversão afirmam-se em sua vacuidade e nesse sentido são verdadeiras. A sociedade brasileira não ignora a dificuldade da articulação que realiza, ao contrário ela a conhece e talvez por isso mesmo pode efetuar-la e mantê-la.

Nosso pequeno desvio reafirma portanto os traços cínicos que vínhamos perseguindo. A razão cínica opera negando o mundo, nadificando-o ou esvaziando-o de qualquer densidade própria. Desprovido de profundidade, tal como o próprio cínico e seu discurso, o mundo se torna o correlato de uma racionalidade sem substância, torna-se superfície, aparência. Sua recusa não é, pois, como procuramos mostrar, mero afastamento, mas deformação ou inversão, processo de transformação da realidade em seu contrário, “imagem refletida” e perversa, parafraseando Rubens Torres. O mundo, submetido à razão e à ideologia cínica que tudo dissolvem, torna-se ele próprio o lugar

²³Idem, p. 19.

da dissolução e da inversão, invertido em seu outro, em aparência “sem fundo”; negado em seu conteúdo e determinidade, ele passa a ser matéria inerte inteiramente sujeita aos caprichos da razão, o que assegura o caráter reversível e cambiável de todas as proposições a seu respeito, postas em um jogo negativo sem fim.

Há, contudo, um pequeno resíduo nessa dissolução que não podemos deixar de notar. Afinal, a percorrer as diversas interpretações às quais nos reportamos aqui, um ponto em comum parece merecer relevância. Quer se trate da leitura hegeliana, e na linha desta, da de Paulo Arantes ou de Rubens Torres, ou mesmo o ensaio de Roberto Schwarz (embora este não trate explicitamente do cinismo), o fenômeno da cisão da razão, da inversão em seu outro, e da dissolução do real em nome de uma aparência que se afirma enquanto tal e constitui realidade, não deixa de exprimir uma condição social e histórica determinada e precisa. Que se veja por exemplo Hegel, que reintegra esse movimento de dissolução (do mundo e de Si) ao movimento do espírito, tomando-o como mais uma de suas figuras: o espírito da cultura. Como ele próprio afirma, essa razão dilacerada é a verdade de seu tempo, o que significa que em sua negatividade ela traz ainda seu mundo e sua história, exprimindo-os em sua ausência de verdade; mesmo em sua pretensão de destruir toda determinação, a razão cínica não pode destruir a sua própria determinidade, como uma certa figura da razão, que traz consigo seu tempo, e portanto uma certa condição do mundo em relação a qual seu poder corrosivo não pode ser mais que a afirmação. É nessa direção também que apontam as leituras de Paulo Arantes, que como vimos determina com precisão o tipo e a condição social-histórica propícios ao aparecimento do discurso cínico. A razão separada do mundo é ainda expressão de uma certa relação com esse mundo:

O teor dessa experiência [do intelectual] é em larga medida modulado pela *expérience du monde*. Não nos esqueçamos de que no desconcerto do Sobrinho se dá a conhecer a trama complexa de *la cour et la ville*; é nesse modelo reduzido da sociedade que a figura desgarrada do intelectual – cínico ou tímido, conforme se aliem temperamento e circunstância – *faz a experiência* (no sentido inédito em que essa expressão é utilizada na Introdução da *Fenomenologia*) da fluidez contraditória das 'essências efetivas'²⁴.

²⁴ARANTES, Paulo Eduardo. *Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 37.

Experiência do mundo, determinada histórica e socialmente, que também aparece na leitura de Rubens Torres, para quem o cinismo do sobrinho é precisamente o outro do Iluminismo, sua sombra e reverso. Ainda nessa direção, Schwarz (prossequindo em nossa suposição de uma certa aproximação entre a estrutura por ele descrita e a estrutura do cinismo) também determina com exatidão as condições sociais em que uma tal reversibilidade da razão e das idéias se faz possível. Desse modo, por maior a força negativa do discurso cínico, ele parece incapaz de destruir sua própria mundaneidade, de negar sua condição de expressão de um mundo que, ao menos nesse sentido, lhe resiste; configuração determinada a lhe dar origem, que evidentemente ele reafirma e intensifica, mas que ainda assim, escapa ao seu poder de dissolução. Mesmo negando-o, a razão cínica traz ainda uma certa face do mundo, uma verdade ou uma experiência que lhe dão origem e forma. Conforme apontam as interpretações indicadas, a negação do mundo (abstrata e indeterminada) parece não poder negar sua própria condição mundana, concreta e determinada.

Paradoxal, esse “resíduo” de mundo parece nos colocar diante de uma questão, de fato latente em todo discurso cínico: qual o limite do formalismo da razão. Partindo-se do corte e da alternativa entre discurso racional e mundo, seria de fato possível uma afirmação exclusiva do primeiro? é realmente viável esgotar toda a resistência do mundo, dominá-lo e esvaziá-lo completamente? Ou há como que uma certa sagacidade desse mundo, que embora pareça submetido, se infiltra no campo adversário e a despeito de todos os esforços deste, transforma-o ainda em uma de suas expressões; enfim, a questão posta pelo próprio cinismo parece referir-se à possibilidade de uma experiência do negativo tal como pretendida por ele. Longe, portanto, de ser a simples afirmação do nada e do negativo elevados à condição de realidade, liberados do peso do ser e do mundo, o cinismo acaba por repor, a despeito de suas intenções, a tensão da qual procurava desvencilhar-se, e a relação entre discurso e realidade, pensamento e mundo, adquire uma vez mais seu caráter problemático e aberto.

Referências

- ARANTES, Paulo Eduardo. *Ressentimento da dialética*, São Paulo: Paz e Terra, 1996
DIDEROT, Denis. *O sobrinho de Rameau*, In: Os Pensadores: São Paulo, Abril Cultural
HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*, RJ: Vozes, 2002

- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000
TORRES FILHO, Rubens. *Ensaio de Filosofia ilustrada*, São Paulo: Brasiliense, 1987
ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*, Jorge Zahar Editor

Artigo recebido em: 15/01/10
Aceito em: 10/04/10